



MÍDIA E O “CASO TINGA” NO PERU: UM NOVO PARADIGMA DE REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS NA TELEVISÃO BRASILEIRA?

Sales Augusto dos Santos¹

Resumo: O artigo demonstra que a Rede Globo de Televisão, a segunda maior rede de televisão comercial do mundo, tem histórico de representar os negros brasileiros de forma estigmatizada e/ou subalterna em suas telenovelas, assim como de negar o racismo na sociedade brasileira nos seus telejornais. Contudo, essa rede de televisão divulgou amplamente o insulto racial praticado pela torcida time Real Garcilaso, do Peru, contra o jogador Tinga, do Cruzeiro Esporte Clube, do Brasil, passando a imagem de repúdio ao racismo. Ou seja, de que estaria mudando a sua visão sobre as relações raciais.

Palavras-chave: Rede Globo; “Caso Tinga”; Racismo; Peru; Brasil.

MEDIA AND "TINGA CASE" IN PERU: A NEW PARADIGM FOR REPRESENTATION OF RACE RELATIONS IN BRAZILIAN TV?

Abstract: The article demonstrates that Rede Globo de Televisão, the second largest commercial television network in the world, has a history of representing black Brazilians of stigmatized and / or subordinate way in their soap operas well as to deny the racism in Brazilian society in their newscasts. However, that network television widely reported racial insults practiced by fans of the Real Garcilaso team, Peru, against Tinga player, from the Cruzeiro Esporte Clube, from Brazil, passing the image of repudiation of racism. In other words, that would be changing their view on race relations.

Keywords: Rede Globo, Tinga case, racism, Peru, Brazil.

MÉDIAS ET LE “CAS TINGA” AU PÉROU: UN NOUVEAU PARADIGME POUR LA REPRÉSENTATION DES RELATIONS DANS LA TÉLÉVISION BRÉSILIENNE?

Résumé: Cet article démontre que Réseau Globo de Télévision, le deuxième plus grand réseau de télévision commerciale dans le monde, a un historique de représenter les noirs brésiliens de forme stigmatisé et/ou subalterne dans leur nouvelles télévisé, ainsi comme de nier le racisme dans la société brésilienne dans leurs bulletins. Toutefois, cette réseau de télévision a été largement rapporté des insultes raciales pratiquées par les supportes d’équipe du Real Garcilaso, Pérou, contre Tinga, joueur du Cruzeiro Esporte Clube, le Brésil, en passant l’image de repudie

¹ Pós-Doutor em Sociologia pela Brown University, Providence/Rhode Island-EUA; membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília-Brasil; e professor de Sociologia na Escola de Ciências Jurídicas da Faculdade Projeção, *campus* de Taguatinga, Brasília-DF. E-mail: salesaugustodossantos@gmail.com



au racisme. En autre forme, de que serait en train de changer son point de vue sur les relations raciales.

Mots-clés: Réseau Globo; "Cas Tinga"; Racisme; Pérou; Brésil.

MIDIA Y EL “CASO TINGA” EN EL PERÚ: ¿UN NUEVO PARADIGMA DE REPRESENTACIÓN DE LAS RELACIONES RACIALES EN LA TELEVISIÓN BRASILEÑA?

Resumen: El artículo demuestra que la Red Globo de Televisión, la segunda más grande del mundo, tiene histórico de presentar los negros brasileños de manera estigmatizados y/o subalterna en sus telenovelas, así como de negar el racismo en la sociedad brasileña en sus periódicos. Pero, esta red de televisión enseñó ampliamente el insulto racial practicado por la hinchada del equipo de Real Garcilaso, del Perú, en contra su jugador Tinga, del Cruzeiro Esporte Clube, de Brasil, pasando la imagen de ódio al racismo. O sea, de que estaría cambiando su visión sobre las relaciones raciales.

Palabras-clave: Red Globo; “Caso Tinga”; Racismo; Perú; Brasil.

INTRODUÇÃO

No dia 12 de fevereiro de 2014, em uma partida de futebol entre o Cruzeiro Esporte Clube, do Brasil, e o Real Garcilaso, do Peru, pela Taça Libertadores da América, na cidade de Huancayo, no país andino, o meio-campista do time brasileiro Tinga (Paulo César Fonseca do Nascimento), um jogador negro, foi insultado racialmente em face da sua cor escura. A torcida do time peruano, cuja maioria absoluta dos integrantes presentes ao estádio tinha fenótipo marcadamente indígena, insistentemente fazia gestos e sons imitando macacos, em todas as vezes que o jogador tocava na bola.

O fato vexaminoso foi divulgado amplamente pelos meios de comunicação no Brasil, a ponto de a presidenta brasileira Dilma Rousseff se manifestar, no dia seguinte, sobre o ocorrido. Segundo ela, “foi lamentável o episódio de racismo contra o jogador Tinga, do Cruzeiro, no jogo de ontem, no Peru. (...) Ao sair do jogo, Tinga disse que trocaria seus títulos por um mundo com igualdade entre as raças. Por isso, hoje o Brasil

inteiro está #FechadoComOTinga”². O pronunciamento da chefe do governo brasileiro também levou, ao que tudo indica, o presidente do Peru, Ollanta Humala, a se manifestar sobre o ocorrido e a condenar a então discriminação racial praticada. Segundo o presidente peruano, “um país com tanta diversidade como o nosso, o que fortalece nossa identidade, com todas as culturas, não deve admitir reações racistas de nenhum tipo”³.

Não foi a primeira vez que ocorreu fato como este em uma partida de futebol da Copa Libertadores da América e provavelmente não será a última. Discriminações raciais já ocorreram em estádios brasileiros durante partidas de futebol na disputa por esta copa. Por exemplo, em 13 de abril de 2005, na partida entre o São Paulo Futebol Clube, do Brasil, e o Quilmes, da Argentina, realizada no estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, o então zagueiro do Quilmes, Leandro Desábato, proferiu injúrias racistas contra o atacante Grafite (Edinaldo Batista Libânio), do São Paulo Futebol Clube. Depois de uma disputa de bola entre Grafite e o outro zagueiro argentino, Arano, Desábato aproximou-se de Grafite e não somente xingou-o de “macaco”, como disse o seguinte: “Negrito de mierda, enfia la banana en el culo”⁴.

O Atacante Grafite reagiu e agrediu fisicamente o zagueiro do time argentino, empurrando o seu rosto⁵. Após o jogo, Leandro Desábato foi preso na cidade de São Paulo, onde ficou dois dias na cadeia. Este caso foi divulgado na edição de 14 de abril de 2005, do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão⁶, além de ser divulgado em vários outros meios de comunicação de massa. Na época nem o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, nem o presidente da Argentina, Néstor Carlos Kirchner, se manifestaram sobre o caso.

² Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/02/1411579-dilma-manifesta-apoio-a-tinga-apos-racismo-no-peru.shtml>. Acessado em 05 de março de 2014.

³ Extraído de: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/02/1411935-presidente-do-peru-condena-ofensas-racistas-a-tinga.shtml>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁴ Extraído de: <http://spfcpedia.blogspot.com.br/2008/03/caso-grafite-e-desbato.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁵ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA946802-4277,00.html> e <http://esportes.r7.com/futebol/times/palmeiras/area-publica/noticias/ofensa-racista-marcou-fim-da-carreira-de-antonio-carlos-recorde-outros-casos-no-futebol-brasileiro-20100416.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁶ Extraído de: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL559817-10406,00-DESABATO+CONTINUA+PRESO+POR+RACISMO.html>. Acessado em 05 de março de 2014.



Os dois casos acima se referem a jogos da Copa Libertadores da América. Portanto, são jogos internacionais e, talvez, por isso os meios de comunicação brasileiros, especialmente os grandes canais televisivos, tenham-lhes dado tanta repercussão. Mas internamente, isto é, em jogos de campeonatos estaduais ou nacionais brasileiros, também já houve casos de racismo não somente de parte das torcidas dos times, mas também de jogadores brancos brasileiros contra os negros, embora sem tanta divulgação ou espetacularização.

Por exemplo, em 05 de março de 2006, no jogo entre o Grêmio Futebol Clube e o Esporte Clube Juventude, na cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, o então zagueiro do Juventude, Antônio Carlos, que integrara a Seleção Brasileira de Futebol, proferiu injúrias racistas contra o volante Jeovânio, do Grêmio, que se sentiu ofendido. Segundo Jeovânio, “o Antônio Carlos foi maldoso. Fiquei chateado com o que aconteceu, mas isso tem de ser coibido pelas autoridades. Não quero mais falar sobre o assunto”⁷.

As autoridades futebolísticas brasileiras, ou melhor, as instituições responsáveis pelo futebol brasileiro puniram o zagueiro do Juventude, Antônio Carlos, suspendendo-o por 120 dias⁸. Mas não fora a primeira vez que fatos criminosos como este aconteceram no campo do Juventude. Em uma partida realizada pelo campeonato gaúcho de futebol, entre o Esporte Clube Internacional, equipe que Tinga defendia na época, e o Juventude, no dia 22 de outubro de 2005, a torcida do Juventude insultava o jogador Tinga todas as vezes que ele tocava na bola, xingando-o de “macaco”⁹. Mas, nesses dois casos, mais uma vez então o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, sequer tocou no assunto.

Mas no “Caso Tinga”, acontecido em um estádio no Peru, foi diferente, visto que houve manifestações tanto da presidenta brasileira como do presidente do Peru, condenando o episódio, algo que não é comum no “país das chuteiras” nem no país

⁷ Extraído de: <http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais2006/interna/0,,OI905409-EI6195,00-Gremio+acusa+Antonio+Carlos+do+Juventude+de+racismo.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁸ Extraído de: <http://esportes.r7.com/futebol/times/palmeiras/area-publica/noticias/ofensa-racista-marcou-fim-da-carreira-de-antonio-carlos-recorde-outros-casos-no-futebol-brasileiro-20100416.html>. Acessado em 05 de março de 2014.

⁹ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga> e <http://esportes.terra.com.br/cruzeiro/tinga-ja-foi-alvo-de-racismo-em-2005-no-rio-grande-do-sul.bada2c4b82b24410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acessado em 05 de março de 2014.



andino. Mas o fato novo que mais nos interessa aqui foi a estrondosa repercussão do episódio na mídia brasileira. Em face do espaço que temos para escrevermos este artigo, focaremos apenas a repercussão no Brasil. Mais ainda, analisaremos a sua incursão apenas por alguns programas da Rede Globo de Televisão.

A REDE GLOBO DE TELEVISÃO E SUA REPRESENTAÇÃO DOS NEGROS E DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

Antes de entrarmos diretamente no tema deste artigo, deve-se destacar que a Rede Globo de Televisão cobre praticamente todo o território brasileiro, pois alcança 98,44% dele, levando sua programação para aproximadamente 150 milhões de pessoas que a assistem diariamente¹⁰. Não bastasse isso, ela é a segunda maior rede de televisão aberta e/ou comercial do mundo, ficando atrás apenas da emissora estadunidense ABC, do grupo American Broadcasting Company¹¹. Portanto, não se pode negar que ela tenha grande e forte poder de difusão da representação de grupos sociais, étnico-raciais, entre outros, além da difusão de ideologias e estigmas, inclusive raciais (algo que ficou demonstrado na sua cobertura do processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial como se verá a seguir).

As reportagens da Rede Globo de Televisão que cobriam o tema do processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial foram editadas para induzir os telespectadores a aceitarem o ponto de vista das Organizações Globo, qual seja, ser contra as políticas de ações afirmativas para a população negra, assim como negar a afirmação dos movimentos negros de que a população negra é discriminada no Brasil por causa da sua cor e não porque a maioria absoluta desse grupo racial é pobre; operacionalização ideológica da negação do racismo que se fazia na mídia televisiva com habilidade e sutileza ou parcialidade explícita, dependendo da visão acrítica ou crítica do telespectador.

No geral, nas reportagens do Jornal Nacional (JN)¹² que cobriam o tema “ações afirmativas”, a última pessoa que enunciava o seu pensamento ou era entrevistada, em geral se posicionava contrariamente às políticas de ações afirmativas para a população negra contidas no então projeto do Estatuto da Igualdade Racial e/ou afirmava que os

¹⁰ Extraído de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_Globo. Acessado em 22/03/2014.

¹¹ Extraído de: <http://www.midiainteressante.com/2008/11/as-maiores-emissoras-de-televisao-do.html>. Acessado em 22 de março de 2014.

¹² Principal telejornal produzido e exibido pela Rede Globo de televisão, foi ao ar em 1º de setembro de 1969.



negros eram discriminados porque são em sua maioria pobres e não porque são negros, não havendo necessidade de tais políticas para este grupo racial. Mais ainda, havia a estratégia de se colocarem cidadãos ou cidadãs negras falando contra tais políticas. Foi o caso de José Carlos Miranda, cidadão negro, então coordenador do Movimento Negro Socialista (MNS), que cumpriu esse papel na reportagem do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, exibida na edição 20 de maio de 2008¹³, entre outras.

Vale acrescentar que o MNS foi fundado em 13 de maio de 2006 para lutar contra o Estatuto da Igualdade Racial, assim como contra qualquer forma de ação afirmativa para a população negra. Segundo o movimento:

Constituído em 13 de maio de 2006 em São Paulo, o comitê por um Movimento Negro Socialista (MNS) é fruto da discussão entre antigos militantes socialistas e negros **preocupados com o rumo da discussão sobre o combate ao racismo**, a relação com a luta de classes e a luta pela libertação de todo povo oprimido no Brasil e no mundo (...). **Dentre as campanhas deliberadas pela Reunião de 13 de maio, a luta contra o estatuto da igualdade racial ganhou enorme destaque na mídia e nas massas, a firme posição do MNS de combater as políticas de “ação afirmativa” e a política de cotas raciais e constituição de uma frente ampla com intelectuais, artistas, outros movimentos negros, sindicalistas, etc.**, se constituiu numa referência para os marxistas na discussão e posicionamento na luta pela igualdade e contra as armadilhas das políticas incentivadas pela ONU, ONG's, Governo¹⁴.

Quase que instantaneamente, José Carlos Miranda, um dos membros do Movimento Negro Socialista (MNS), foi alçado a líder dos movimentos negros brasileiros, passando a ter espaço frequente na grande mídia televisiva para se manifestar contra o Estatuto da Igualdade Racial, como, por exemplo, na edição de 18 de novembro de 2007 do *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão, quando ele, entre outros indivíduos, foram entregados ao Presidente da Câmara dos Deputados o livro *Divisões perigosas. Políticas raciais no Brasil Contemporâneo*¹⁵ (2007), organizado pelos intelectuais Peter Fry, Yvonne Maggie, Marcos Chor Maio, Simone Monteiro e

¹³ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=KbeQzceb828&feature=related>. Acessados em 3 de janeiro de 2011.

¹⁴ Extraído de: <http://www.mns.org.br/index2.php?programa=movimento.php>. Acessado em 3 de janeiro de 2011.

¹⁵ Aliás, segundo o próprio livro, “os textos, curtos porém densos, **foram publicados, em sua maioria, em jornais e revistas dirigidas para o grande público**, e alguns deles foram especialmente preparados para este livro. **Divulgados nos últimos quatro anos**, quando colocados em conjunto ganham uma organicidade que ultrapassa os recortes específicos de reflexão que os caracterizam individualmente” (Fry *et al*, 2007, p. 18, grifo nosso). Esta afirmação do próprio livro confirma a nossa assertiva de que a grande mídia impressa divulgava naquela conjuntura (toda a década de 2000) maciçamente opiniões contra o Estatuto da Igualdade Racial e/ou o sistema de cotas para estudantes negros nas universidades públicas.



Ricardo Ventura dos Santos.¹⁶ O livro, não só condena políticas de ações afirmativas para a população negra, como forma de minimizar o racismo contra os afro-brasileiros, como, em última instância, nega a existência do racismo no Brasil como algo histórico, cultural e estrutural.

Ao que tudo indica, havia uma estratégia da TV Globo para atacar de forma latente o então projeto do Estatuto da Igualdade Racial, que parece ter sido traçada pelo Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel, que se posicionou explicitamente contra as políticas de ações afirmativas para estudantes negros nas universidades públicas, especialmente contra o sistema de cotas, quando publicou, em 2006, o livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, cujo título procura insinuar que o Brasil não discrimina racialmente os negros.

Não se precisa de profundas reflexões para se ter uma ideia do poder de influência desse diretor sobre as redações dos jornais, telejornais e outros programas das Organizações Globo, no sentido de impor direta ou indiretamente o seu pensamento sobre as relações raciais no Brasil: de “harmonia racial” ou, caso se queira, de “ausência de discriminação racial no Brasil contra os negros”.

Como exemplo dessa influência e dos ataques supracitados, pode-se observar o apoio da Rede Globo de televisão, assim como de outros meios de comunicação de massa das Organizações Globo, por meio de uma cobertura parcial, à ação de alguns agentes sociais contrários ao então projeto do Estatuto da Igualdade Racial e qualquer mudança nas relações raciais brasileiras, que eram e ainda são assimétricas e perniciosas. Por exemplo, no ano de 2008, a professora Yvonne Maggie, militante intransigente contra as políticas de ações afirmativas para estudantes negros, junto com outros intelectuais e ativistas, se deslocou do Estado do Rio de Janeiro e para Brasília, capital do Brasil, para entregar ao então Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Ministro Gilmar Mendes, um manifesto contrário ao sistema de cotas. O *Jornal Nacional* da Rede Globo de Televisão mostrou esse evento na edição de 30 de abril 2008, data da entrega do manifesto no STF.

¹⁶ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=LLCVfDn2K00&feature=related>; Acessado em: 3 de janeiro de 2011.



Além da função manifesta de questionar os vários sistemas de cotas que estavam sendo implementados pelas universidades públicas, o manifesto também tinha uma função latente, qual seja, indicar ou literalmente ser um “aviso” para os parlamentares brasileiros de que, se o projeto do Estatuto da Igualdade Racial fosse aprovado no Congresso Nacional, a sua constitucionalidade seria arguida no STF.

A repórter da Rede Globo de Televisão que fez a cobertura do evento para o Jornal Nacional, Poliana Abritta, corroborando a ideologia do livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel, afirmou meias verdades sobre o referido projeto e tentou induzir os telespectadores a apoiar as ideias dos agentes sociais contrários ao sistema de cotas e ao projeto do Estatuto, mesmo havendo uma pesquisa de 2006, do instituto DataFolha, informando que 65% da população brasileira era a favor do sistema de cotas para os estudantes negros. Assim, a repórter asseverou que:

A decisão de vir ao STF foi tomada porque aqui estão em julgamento duas ações contra a política de cotas. Uma delas atinge o Prouni, o programa de bolsas do governo federal que dá preferência aos negros graças às cotas. A outra contesta o mesmo critério usado nos vestibulares das universidades estaduais do Rio de Janeiro. O manifesto lembra que a própria Constituição proíbe os governos de criar distinções entre brasileiros.¹⁷

Da forma como a repórter Poliana Abritta informou os telespectadores, tem-se a impressão de que no Prouni há sistema de cotas somente para os estudantes negros, o que não é correto neste caso, visto que os seus beneficiados são estudantes de baixa renda, professores de escolas públicas, portadores de deficiência física, negros (pretos e pardos) e indígenas, conforme estabelece a Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, que instituiu o *Programa Universidade Para Todos*.

Além disso, a referida repórter afirmou que é proibido fazer distinções entre os brasileiros de acordo com a Constituição Federal brasileira, mas não informou aos telespectadores que, já naquela época, um dos ministros do STF, Marco Aurélio de Mello, não somente defendia que as ações afirmativas são constitucionais, como demonstrou em artigos que elas estão abrigadas na Constituição Federal (cf. Santos,

¹⁷ Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=KbeQzceb828&feature=related>. Acessado em 3 de janeiro de 2011.



2007)¹⁸. Ou seja, a repórter sai do seu papel de jornalista e, com autorização tácita da emissora que a emprega, “incorpora” o papel ou o cargo de “ministra” do STF, apresentando e julgando o tema que ela deveria cobrir de forma imparcial. Assim, novamente, a referida rede de televisão faz o complemento da ação de ataque manifesto contra o sistema de cotas e, de forma latente, contra o Estatuto da Igualdade Racial, iniciada por intelectuais e ativistas contrários ao estatuto e ao sistema (SANTOS, 2006).

Por outro lado, na mesma cobertura jornalística, recorre-se à tática de colocar cidadãos negros se posicionando contra as ações afirmativas para a população negra, como foi o caso de José Carlos Miranda, do Movimento Negro Socialista (MNS) – cuja fala, contrária ao sistema de cotas, como já informado anteriormente, encerrou a reportagem –, e da estudante Esteffane Ferreira, do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso (DCE/UFMT) – que aparece no meio da reportagem afirmando que “o governo, ele deve investir nas escolas públicas desde já, desde o ensino básico, onde todas as crianças tenham ensino de qualidade independente da sua cor ou raça” [*sic*].

Observa-se nessa e outras reportagens do Jornal Nacional que não somente a divulgação de posicionamento contrário às políticas de inclusão racial no ensino superior brasileiro, mas também a tese de que não há desigualdade racial no Brasil, mas sim desigualdade classe social, como afirma a estudante negra Esteffane Ferreira no subtexto da sua fala, ao enunciar que investimentos do governo federal deveriam ser feitos nas escolas públicas. É que a expressão “estudantes de escola pública” é um

¹⁸ Posteriormente, em 26 de abril de 2012, o ministro Marco Aurélio Mello, em seu voto no julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 186, que questionava o sistema de cotas para estudantes negros implementado pela Universidade de Brasília (UnB), não só considerou essa ADPF improcedente e ratificou que as políticas de ação afirmativa são constitucionais, como deu exemplos concretos das suas técnicas de implementação abrigadas na Constituição brasileira. Conforme o ministro Marco Aurélio de Mello, a Constituição brasileira “(...) agasalha amostragem de ação afirmativa, por exemplo, no artigo 7º, inciso XX, ao cogitar da proteção de mercado quanto à mulher e ao direcionar a introdução de incentivos; no artigo 37, inciso VIII, ao versar sobre a reserva de vaga – e, portanto, a existência de quotas – nos concursos públicos, para os deficientes; no artigo 170, ao dispor sobre as empresas de pequeno porte, prevendo que devem ter tratamento preferencial; no artigo 227, ao fazê-lo também em relação à criança e ao adolescente” (MELLO, 2012, p. 08). Em realidade, todos os dez ministros que participaram desse julgamento foram favoráveis ao sistema de cotas da UnB para estudantes negros, assim como de qualquer outra universidade pública, contradizendo o julgamento antecipado e equivocado da jornalista Poliana Abritta, com a autorização tácita da Rede Globo de Televisão.



código cifrado para estudantes pobres ou de baixa renda no Brasil¹⁹. Aliás, a Rede Globo de Televisão e as Organizações Globo têm histórico de defesa das relações raciais brasileiras como sendo harmoniosas, sendo as desigualdades nessas relações explicadas por fatores econômicos e não pelo racismo.

Mas não é somente por meio dos seus telejornais que a Rede Globo de Televisão busca mostrar relações raciais harmoniosas no Brasil, assim como representa os negros de forma estereotipada. Isto também tem ocorrido em uma das suas principais e mais importantes produções, a telenovela. Em artigo publicado na *Revista Eco-pós*, os pesquisadores Santos e Lopes (2010) demonstram por meio de argumentos consistentes e fatos concretos que a Rede Globo de Televisão historicamente tem desqualificado os negros e a sua importância na sociedade brasileira, assim como vem negando a existência do racismo. Não bastasse isso, em pleno mês do *Dia Nacional da Consciência Negra* no Brasil, novembro, algumas de suas novelas não somente afrontavam esse dia, mas também detratavam esse grupo racial.

Isto fica explícito, por exemplo, no caso da novela *Viver a Vida*²⁰ (que ia ao ar às 21h) no segundo semestre de 2009. Na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, desse ano, a Rede Globo de Televisão exibiu, nessa novela, uma cena chocante para os seus telespectadores e humilhante para a população negra. Ao que tudo indica, essa cena visava a colocar os negros no seu devido lugar²¹ ou, simbolicamente, visava a “dar um tapa na cara” dos indivíduos pertencentes a esse grupo racial de pertença.

Mas antes de descrevermos a cena, vale ressaltar que pela primeira vez uma atriz negra iria ser formalmente a protagonista em uma novela do chamado horário nobre (das 21h) da TV Globo. A protagonista Helena, interpretada pela atriz negra Taís

¹⁹ O ministro Gilmar Mendes do Supremo Tribunal Federal (STF), ao manifestar o seu voto na ADPF nº 186, ajuizada pelo Partido Democratas (DEM), confirma que os alunos de escola pública são, em princípio, pobres. Segundo o ministro: “Claro, nós temos a discussão sobre o modelo da escola pública, que é um referencial, que talvez seja até uma forma de, por figura de linguagem, entender que *as pessoas que hoje frequentam*, tendo em vista essa distorção brasileira, *as escolas públicas são, em princípio, para pessoas pobres*” (MENDES, 2012, p. 5-6, grifo nosso).

²⁰ O autor dessa novela foi Manoel Carlos, com colaborações de Angela Chaves, Claudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres e Maria Carolina Campos de Almeida. Os diretores foram: Adriano Melo, Frederico Mayrink, Leonardo Nogueira, Luciano Sabino, Maria Rodrigues e Teresa Lampreia. Mas a direção geral foi de Jayme Monjardim e Fabrício Mamberti (Disponível em: <http://viveravida.globo.com/Novela/Viveravida/Creditos/0,,NLP0-17525,00.html>. Acessado em 07/07/2010.)

²¹ Segundo uma frase famosa do escritor Millôr Fernandes, no Brasil não existe racismo porque o negro sabe onde é o seu lugar.



Araújo, era uma modelo famosa que havia se casado com Marcos (José Mayer), um homem branco e empresário rico, bem mais velho que ela. Ele era pai de três filhas, sendo uma delas também modelo, Luciana (Aline Moraes). Na trama, ambas, Helena e Luciana, viajam juntas para a Jordânia com o objetivo de desfilarem profissionalmente nesse país.

Antes da viagem, Helena se encontra com a mãe de Luciana e promete a ela que irá cuidar de Luciana durante a viagem. Helena objetivava contribuir para o sucesso profissional de Luciana, que estava em início de carreira. Contudo, Luciana é uma jovem mimada que, depois de muitas brigas com Helena durante a viagem, é proibida por essa de retornar ao aeroporto no mesmo veículo em que Helena estava. Então, a enteada embarca de ônibus para o aeroporto com as outras modelos, mas ao longo do trajeto há um acidente com o ônibus e Luciana fica tetraplégica.

Logo depois que elas retornam ao Brasil, no capítulo que foi exibido no dia de 16 de novembro de 2009, Helena se encontra com a mãe de Luciana, Tereza (interpretada por Lilia Cabral). Essa está furiosa, mais do que isso, está com ódio de Helena não somente pelo fato de sua filha ter sofrido um grave acidente e ficado tetraplégica, quando estava sob os cuidados da madrasta, mas também pelo fato de Helena estar casada com o seu ex-marido. Numa cena que durou 10 minutos e 8 segundos, Tereza expõe todo o seu ódio contra Helena. Essa última, chorando, quase cabisbaixa e com expressões facial e corporal de reconhecimento da sua suposta culpa, ouve toda a mágoa expressa por Tereza.

No diálogo entre elas (ou praticamente monólogo, uma vez que Helena quase não fala), Tereza reconhece que sua filha é uma garota minada, insegura, insuportável e passional, mas apesar disso afirma que Helena deveria ter cuidado dela, conforme haviam combinado antes da viagem. Após isso Tereza passa a acusar duramente Helena, afirmando, entre outras coisas, que: “Você [Helena] empurrou a Luciana para morte!”. Você é “petulante! É isso que você é! Petulante! Sempre foi, sempre será!”. Mais ainda, tentando indicar que Helena já tinha prática de cometer crimes, Tereza “joga na cara” de Helena um aborto que essa havia feito no início de sua carreira. Daí arremata: “Fique com seu segundo crime na consciência e tente ser feliz com eles!”.

Helena, sentindo-se culpada pelo acontecimento trágico ocorrido com Luciana, pede perdão à mãe da enteada; Tereza não responde ao seu pedido de perdão. Helena,



insistindo, anuncia que vai se ajoelhar para pedir perdão a Tereza, numa última tentativa de ser desculpada pela mãe da sua enteada. Então, de joelhos e chorando, Helena novamente pede perdão a Tereza. Essa não responde e depois de exatamente 20 segundos, em silêncio e olhando odiosamente para Helena, dá uma violenta bofetada no rosto da madrasta da sua filha. Mas Helena não reage ao humilhante tapa que levou no rosto. Ao contrário, passivamente resigna-se.

Pode-se imaginar que foi simples coincidência o fato de essa cena ter sido exibida exatamente na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*. Mas alguns programas da TV Globo, especialmente as suas telenovelas, têm histórico de não somente sub-representar os negros, como também de subalternizá-los, conforme demonstrou o cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo (2000), algo que pode indicar a possibilidade de que a exibição dessa cena naquela semana não tenha ocorrido sem intenção.

Por outro lado, mesmo sendo coincidência a veiculação de uma cena na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, na qual há uma representação da população afro-brasileira segundo os pensamentos, desejos e sentimentos das elites brancas brasileiras, qual seja, de subalternidade, de passividade e de conformismo dos negros, objetiva-se consciente ou inconscientemente afrontar e/ou descaracterizar o significado desse dia histórico. Assim sendo, seria uma tentativa deliberada de retirar da data o seu significado e conteúdo transformador, libertário e de não conformismo com as relações raciais brasileiras, que até hoje são pautadas na discriminação contra os negros e, conseqüentemente, marcadas por profundas desigualdades entre cidadãos negros e brancos, entre outros, em todas as esferas da vida brasileira.

Os autores e diretores da novela *Viver a Vida* podem negar por meio das suas consciências discursivas (GIDDENS, 1989) a intenção de desqualificar ou descaracterizar o significado do dia 20 de novembro, mas a operacionalização das suas consciências práticas (GIDDENS, 1989), ao permitirem a exibição da bofetada de uma mulher branca no rosto de uma mulher negra (ajoelhada, chorando e pedindo perdão por uma suposta culpa que não teve), na semana do *Dia Nacional da Consciência Negra*, são fortes indícios de nossa hipótese. Some-se a isso o fato de a cobertura jornalística da TV Globo, sobre o dia 20 de novembro de 2009, ter sido orientada por meio de uma visão culturalista da população negra, conforme demonstraram Santos e Lopes (2010).



Ao exibir essa cena em que uma atriz negra é humilhada por uma atriz branca, em pleno mês da consciência negra, a Rede Globo de Televisão indicava qual representação dos negros no Brasil os seus dirigentes (produtores, diretores de jornalismo, editores de novelas e de outros programas) e seus ajudantes, assistentes ou assessores (autores de telenovelas, programas de entretenimento, etc.) deveriam adotar. A TV Globo indicava que eles seguiriam o histórico modelo do monopólio branco sobre a representação dos negros no Brasil (BAIROS, 1996), apresentando-os subalternos e/ou colonizados em sentido amplo.

Essa nossa hipótese é sustentada por dois argumentos. O primeiro, cena semelhante a essa, de passividade do personagem negro(a), que é humilhado(a) por um(a) personagem branco(a) e que não manifesta qualquer reação em defesa da sua dignidade, já havia ocorrido em outra novela das 21h da TV globo, *Pátria Minha*²². Numa cena que foi ao ar nos dias 02 e 03 de novembro de 1994, portanto, coincidência ou não, também no mês do *Dia Nacional da Consciência Negra*, Raul Pelegrini, empresário branco (interpretado por Tarcísio Meira), profere humilhantes insultos raciais contra um de seus empregados, o jardineiro negro Kennedy (interpretado por Alexandre Moreno). Raul Pelegrini expressa rispidamente contra Kennedy a sua ideologia racista de inferiorização dos negros humilhando racialmente o jardineiro negro²³.

Citamos esse fato por dois motivos simples, mas autoexplicativos segundo o nosso entendimento. O primeiro, a vítima racializada, discriminada racialmente, por um personagem branco aceita passivamente a humilhação e inferiorização racial a que foi submetida. Ou seja, como afirmamos, a vítima negra não esboça qualquer reação (assim como a personagem Helena de *Viver a Vida*), ferindo, dessa forma, a dignidade e a autoestima da população negra. O segundo motivo, a cena ultrajante para essa população mais uma vez é exibida no mês em que se comemora o *Dia Nacional da*

²² Essa novela foi exibida entre 18 de julho de 1994 e 11 de março de 1995. O seu autor foi Gilberto Braga, com colaborações de Leonor Bassères, Sérgio Marques, Alcides Nogueira e Ângela Carneiro. Os diretores foram: Dennis Carvalho, Roberto Naar, Ary Coslov e Alexandre Avancini (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-245171,00.html>). Acessado em 07/07/2010.

²³ Não vamos aqui descrever e analisar mais esse caso ocorrido em uma novela da TV Globo, até mesmo por falta de espaço. Contudo, vale ressaltar que várias organizações do movimento negro brasileiro (entre elas o Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), do Rio de Janeiro, o Geledés, de São Paulo, entre outras) protestaram e questionaram a Rede Globo de Televisão sobre a passividade do personagem negro ante a virulenta discriminação racial que sofreu (Cf. Folha de S. Paulo, de 07 de novembro de 1994).



Consciência Negra, em uma novela do horário nobre da Rede Globo de Televisão. Mera coincidência? Pensamos que não. É a consciência prática dos autores e diretores dessas novelas se operacionalizando independentemente das suas consciências discursivas (GIDDENS, 1989).

O segundo argumento que utilizamos para sustentar a nossa hipótese, como nos lembra o pesquisador Paulo Rogério Nunes, é que a Rede Globo de Televisão tem histórico não somente de sub-representar, mas também de estigmatizar os negros. Segundo esse autor, “há uma ação deliberada para, além de sub-representar, colocar os negros e negras em patamar de desigualdade, de inferioridade. E isso é prejudicial para quem assiste” (NUNES, 2007).

Como exemplo, o pesquisador Paulo Rogério Nunes (2007) cita o antigo programa humorístico *Os Trapalhões*²⁴. Recomendado para todas as faixas etárias, nele havia um personagem negro, Mussum, interpretado pelo humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes, que contracenava com três outros homens brancos, representados como mais inteligentes e mais racionais que o personagem Mussum. Esse era representado como um cachaceiro e/ou alcoólatra irrecuperável, estereótipo do negro irresponsável e sem perspectiva de uma vida melhor.

Tais conclusões do pesquisador Paulo Rogério Nunes (2007) sobre a sub-representatividade dos negros na mídia são recorrentes na constatação de outros pesquisadores que analisam a presença dos negros na mídia brasileira (LIMA, 1996/1997). E isso foi historicamente reforçado pela TV Globo no chamado horário nobre, especialmente quando essa rede de televisão buscava descaracterizar o *Dia Nacional da Consciência Negra*, conforme demonstram Santos e Lopes (2010).

Porém, dois fatos recentes parecem indicar novos rumos na TV Globo no que diz respeito ao racismo e às relações raciais brasileiras. Primeiro, a divulgação do “Caso Tinga” na Rede Globo de Televisão parece contradizer toda a descrição e argumentação anteriores. Em uma reportagem aparentemente imparcial, do dia 16 de fevereiro deste ano de 2014, sobre o “Caso Tinga”, no programa esportivo *Esporte Espetacular*, que é exibido aos domingos de manhã, um dos programas de emissora aberta que tem a maior

²⁴ Esse programa foi exibido de 13 de março de 1977 a 27 de agosto de 1995, às 19 horas, nos dias de domingo, (Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-257341,00.html>. Acessado em 07/07/2010).



audiência no ramo desportivo, observa-se outra perspectiva sobre como a TV Globo tratou as relações raciais.

Desta vez, a rede de televisão noticiou o caso supracitado, ao que parece, sem amenizar o fato ocorrido. Divulgou-o em todos os seus principais telejornais, além de entrevistar o jogador Tinga (Paulo César Fonseca do Nascimento), por meio do programa esportivo citado anteriormente, e, ao que tudo indica, não editou as passagens da entrevista em que o jogador afirmou ser discriminado racialmente todos os dias no Brasil. Ao ser entrevistado pelo repórter Régis Rösing, numa reportagem que foi ao ar durante 11 minutos e 11 segundos, no *Esporte Espetacular*, o jogador Tinga afirmou que após o jogo ficou tão mal que passou a noite toda sem dormir. Entre outras enunciações, ele afirmou que:

Eu sou casado há mais de 15 anos [com uma mulher branca], as pessoas olham quando eu chego com a minha esposa, que ninguém conhece a minha história, que ninguém conhece que eu era vizinho, que eu batia às seis da manhã na janela dela para o pai dela, a mãe dela, me darem [o dinheiro] da passagem para eu ir treinar. Ninguém sabe. E no olhar você sente: "lá vai o negão com uma branca, com uma loira". (...).

Repórter: “[Quais] os outros preconceitos você já sofreu?”

Cara..., ah, a gente ... Todo mundo fala da situação que aconteceu lá [no Peru], mas isso aí tem todo dia [no Brasil] cara; no olhar, num simples olhar das pessoas, isso aí tem toda hora. No nosso país tem muito, não só [discriminação] racial, [mas] social, que eu acho que é até maior né. Se você tem condições, você entra nos lugares, você está no meio dos lugares. Quando você é famoso, quando você é conhecido, ninguém diz não. Então eu sou um cara que nunca me empolguei com o futebol, eu sou um cara que nunca me empolguei com as vitórias, com as conquistas. Também não tem porque eu me abalar por uma coisa tão pequena.

Repórter: “O que você gostaria que mudasse?”

Cara... eu sei que não vamos mudar o mundo, mas se cada um começasse tentar mudar dentro de casa, já seria um ganho. Eu faço isso com os meus filhos pra caramba²⁵.

Percebe-se nessa citação que o repórter da Rede Globo de Televisão, Régis Rösing, não evitou em falar de racismo. Em realidade ele encerra a entrevista fazendo a seguinte afirmação: “Tinga, o filho da faxineira, fruto da humildade e educação que a mãe deu, o orgulho da dona Dirce, virou um pai de família. **Um brasileiro ferido pelo racismo**” (grifo nosso). Não bastasse isso, um dos apresentadores do programa *Esporte Espetacular* naquele dia, Alex Escobar, ratifica: “a nossa solidariedade ao Tinga, por

²⁵ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.



esse acontecimento, e a todos aqueles que sofrem com o preconceito. Isso é absurdo, **mas ainda existe**²⁶ (grifo nosso).

Em primeiro lugar, o repórter Régis Rösing parece fazer a sua entrevista com o jogador Tinga sem nenhuma orientação de cima para baixo, ou caso se queira, sem as orientações e/ou amarras impostas às redações e aos repórteres da TV Globo, quando o assunto é racismo, como as orientadas pelo livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel (2006). Segundo, o repórter assume que Tinga de fato foi insultado racialmente naquele jogo, pois pergunta: “[Quais] os outros preconceitos você já sofreu?”.

Mais uma vez ele, o repórter, foge da cartilha do mito da democracia racial²⁷ defendida no livro supracitado, partindo do pressuposto que de fato o jogador foi discriminado racialmente e poderia já ter sofrido outras discriminações além da racial. Terceiro, Regis Rösing afirma que Tinga foi ferido pelo racismo. Não bastasse isso, o apresentador do programa *Esporte Espetacular*, Alex Escobar, encerra a reportagem afirmando que preconceito e/ou discriminação raciais constituem um absurdo.

O segundo fato recente, e até mesmo surpreendente considerando o histórico das telenovelas do horário nobre, ocorreu no capítulo da novela *Em Família*²⁸, que foi ao ar no dia 20 de março de 2014, véspera da comemoração do *Dia Internacional Para a Eliminação da Discriminação Racial*²⁹. Nesse capítulo há uma cena até então inédita nas telenovelas da Rede Globo: três personagens negros de classe média e dois brancos

²⁶ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.

²⁷ Segundo Carlos Hasenbalg, “a noção de mito para qualificar a ‘democracia racial’ é aqui usada no sentido de ilusão ou engano e destina-se a apontar para a distância entre representação e realidade, a existência de preconceito, discriminação e desigualdades raciais e sua negação no plano discursivo” (Hasenbalg, 1996, p. 237). Noção que endossamos.

²⁸ Essa novela começou a ser exibida no dia 3 de fevereiro de 2014 e continua até a presente data, abril de 2014. O seu autor é Manoel Carlos, com colaborações de Angela Chaves, Juliana Peres, Maria Carolina, Mariana Torres e Marcelo Saback. Os diretores são: Adriano Melo, João Boltshauser, Luciano Sabino, Teresa Lampreia e Thiago Teitelroit, mas com a direção geral de Leonardo Nogueira e Jayme Monjardim (Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/em-familia/> e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Em_Fam%C3%ADlia_\(telenovela\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Em_Fam%C3%ADlia_(telenovela))). Acessado em 12 de abril de 2014.

²⁹ O dia 21 de março também é uma das datas importantes para os Movimentos Negros brasileiros. Este dia foi instituído, por meio de uma resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1966, como o *Dia Internacional Para a Eliminação da Discriminação Racial*, ante o assassinato de 69 pessoas e 180 feridos a bala, entre crianças e adultos, numa manifestação pacífica ocorrida em 21 de março de 1950, em Sharpeville, na África do Sul, contra o então sistema racista desse país, o *Apartheid* (Manifesto do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN *apud* Nascimento, 1985, p. 29).



comentam didática e abertamente, e de forma condenatória, um insulto que um indivíduo de cor branca praticou contra Alice, de cor preta, quando essa estava na praia do Leblon³⁰ com Luiza (branca) e o namorado desta, André (também branco).

Não analisaremos aqui a cena em que Alice supostamente sofreu um insulto racial³¹, que foi ao ar no dia 19 de março, mas apenas os comentários dos próprios personagens da novela a respeito da ofensa sofrida por ela. Comentários esses que foram ao ar na cena do dia 20 de março de 2014. Nessa cena estavam presentes Alice, Luiza e os seus respectivos namorados, Matias (negro) e André, assim como Dulce, uma professora negra universitária que dá aulas de Psicologia³².

Alice: (...) eu preciso também falar com a Luisa (...) Ela tá na sala da Dulce. Você vai comigo?

Matias (namorado de Alice): Claro! É bom que você me explica direito essa estória da praia, né?

Alice: Ai, amor, foi uma situação...

Matias: O que aconteceu?

Alice: Ai... foi um negócio ridículo. Eu vou até aproveitar e falar com a Dulce para ver o que ela vai dizer (...)

Dulce: Revoltante mesmo! Mas preconceito existe, é fato! Temos que aprender a lidar, sem medo. Mas situações assim, ruins como essa que aconteceu com você, não podem nos abater.

Luiza: Foi o que eu falei para ela.

Dulce: Também não pode se tornar uma sombra, um trauma. Que tem vítimas de preconceitos, o que acontece com elas? Elas se tornam retraídas na esfera social.

Alice: Ou revoltadas, né? Porque eu fiquei foi com ódio, isso sim!

Dulce: A revolta é natural porque nós estamos falando de uma injustiça, mas não basta. É preciso refletir sobre o que aconteceu, você também (obs.: se referindo a Matias, namorado da Alice, que também é negro) para saber como agir, como se defender.

André (namorado de Luiza): Preconceito é crime, né? Dá cadeia!

³⁰ A praia do Leblon fica na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se do bairro que possui um dos metros quadrados mais caros do Brasil e do mundo.

³¹ Na realidade o indivíduo branco ofende Alice, ante ao fato de ela sacudir a sua canga e, após isso, cair areia na namorada branca do indivíduo. Esse faz a seguinte afirmação para Alice: "... esse povinho vem de lá sabe Deus da onde, da nisso. O gatinha mesmo você hein?!?!". Em nenhum momento o rapaz se refere a cor dela, mas Luisa, amiga de Alice, imediatamente sai em defesa dessa. E questiona o rapaz branco: "Vem cá, você acha que é melhor do que ela por que? (...) Tá fechando o tempo com a minha amiga por que? Qual é o seu preconceito? É por causa da cor dela ou por causa da classe social? Ou são os dois?" Nesse momento Alice entra na conversa tentando apaziguar e pede para Luisa: "Pára eu já estou habituada." Extraído de: <http://globotv.globo.com/rede-globo/em-familia/v/luiza-bate-boca-na-praia-ao-defender-alice-de-preconceito/3225302/>. Acessado em 12 de abril de 2014.

³² Deve-se destacar que na vida real, concreta, é fato raro, para não dizer raríssimo, a presença de professoras e/ou intelectuais negras nos quadros das universidades brasileiras (cf. Santos, 2011). Portanto, a presença dessa personagem na novela é algo excepcional, ainda mais quando consideramos que historicamente os/as negros/as, quando aparecem nas telenovelas, geralmente ocupam papéis ou exercem funções subalternas, conforme se pode ver em Araújo (2000).



Luiza: É por isso que eu vou falar com o meu tio Nando. Ele é advogado, para ele explicar para a Alice a melhor maneira de ela se proteger de uma situação dessa, caso aconteça de novo.

Dulce: Ah... ótimo, ótimo..., porque a lei nos protege das atitudes discriminatórias. E se nos protege temos que agir sempre dentro da lei, sem brigas.

Matias: É... mas é muito difícil não brigar. Eu, se estivesse lá, não sei o que eu faria não.

Dulce: Olha, tem que se controlar, Matias, senão perde a razão. Mas estejam certos, meus queridos, que a pior forma de preconceito é a velada, que finge que não é, mas está lá: certas maneiras de olhar, falar... É um pensamento nocivo, baseado em estereótipos e a luta contra isso é ainda mais difícil.

Luiza: E isso já aconteceu com você, Dulce?

Dulce: É, minha filha... mas já aconteceu muito! Você nem imagina o que eu já passei e passo³³.

Considerando apenas os dois fatos supracitados, o “Caso Tinga” e a cena do capítulo da novela *Em Família*, ao que tudo indica, a Rede Globo de Televisão sinaliza que está começando a incorporar um discurso menos cerceado sobre as relações raciais e/ou sobre o racismo, uma vez que, ao que parece, está abrindo espaço para outras visões sobre as relações raciais no Brasil, não limitando a enunciação sobre este tema segundo a cartilha do diretor Ali Kamel (2006), defensor da “tese” de que os brasileiros não são racistas contra os negros.

Na cena acima citada da novela *Em Família*, o primeiro fato que merece consideração é, sem dúvida, a data em que a discussão sobre as relações raciais brasileiras foi ao ar em uma novela do horário nobre da Rede Globo de Televisão: dia 20 de março, véspera do *Dia Internacional Para a Eliminação da Discriminação Racial*. E deve-se considerar a data não somente porque esta rede de televisão pode estar indicando que também adira ou ratifique que esta data é importante para o Brasil, mas, porque parece que, de agora em diante, pretende caminhar no sentido inverso à política ideológica anterior, operacionalizada em algumas novelas desse horário, de ataque às datas importantes para os movimentos negros brasileiros, como o dia 20 de novembro, quando se comemora o *Dia Nacional da Consciência Negra* no Brasil, conforme visto anteriormente.

Não se deve perder de vista o fato de que, assim procedendo, a emissora agrega novos expectadores e, sobretudo, patrocinadores e consumidores, haja vista a inclusão

³³ Extraído de: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/em-familia/v/dulce-orienta-alice-sobre-como-reagir-em-caso-de-preconceito/3227992/>. Acessado em 12 de abril de 2014.



social de pretos e pardos (ou negros) a que temos assistido nos últimos anos, bem como produtos e serviços direcionados a esse grupo racial. O segundo fato que deve ser destacado é que a enunciação condenatória do racismo brasileiro começou a ser feita pelos próprios personagens discriminados racialmente e não somente por atores brancos. Por exemplo, a professora universitária Dulce, uma mulher negra, “toma conta” ou é o foco da cena supracitada, ao se manifestar sobre o assunto.

Ela condena imediatamente o preconceito, embora sem qualificá-lo. Ou seja, sem afirmar explicitamente que ele, o preconceito, é racial. Isso fica subentendido. Um/a telespectador/a que estava assistindo a esta cena, mas não tinha visto a anterior, quando aconteceu o insulto contra Alice, não saberá de que preconceito se trata. Além disso, esse termo, *preconceito*, é usado, ao que tudo indica, equivocadamente como sinônimo de discriminação. Embora “andem de mãos dadas”, preconceito e discriminação são termos de caracterização sociológica bem diferentes, conforme observa Santos (2004).

O terceiro fato: a intelectual Dulce ensina à vítima, Alice, e ao seu namorado, Matias, que se deve reagir à discriminação [racial], assim como refletir sobre ela, e o faz de forma didática, inclusive lembrando que há leis contra discriminação [racial]. Por fim, a professora Dulce afirma que já sofreu muita discriminação e que ainda sofre, ou seja, se contrapõe às orientações do livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel (2006), até então seguidas, ao que parece, pelos diretores de novelas do horário nobre da Globo. Ora, mesmo não aparecendo explicitamente a palavra *racismo* nessa cena, nem a adjetivação do preconceito e/ou da discriminação (que tipo de preconceito e/ou de discriminação), algo que ficou subentendido ou no subtexto, a cena foi, ao que tudo indica, um avanço e, quiçá, uma abertura nas telenovelas para a discussão das relações raciais brasileiras.

Em face dessa nova representação dos negros na mídia, estaremos entrando em uma nova era nas telenovelas brasileiras, especialmente nas do chamado horário nobre da Rede Globo de Televisão, onde o racismo e/ou as relações raciais passarão a ser discutidos de forma menos parcial, menos restrita, ou seja, fora das amarras estabelecidas pelo ideário do mito da democracia racial tão exemplarmente divulgado por esta emissora? Pensamos que ainda é muito cedo para responder a esta questão, pois



os fatos citados acima podem ser apenas uma exceção ante a um padrão histórico de representação preconceituosa e estereotipada dos negros por essa rede de televisão. Em face disso, *a priori*, a resposta tende a ser negativa. Contudo, pensamos que somente o tempo poderá responder a essa questão, ou seja, se há de fato uma tendência de mudança nessa emissora, com relação à discussão da questão racial.

CONCLUSÃO

A reportagem sobre o “Caso Tinga”, no *Esporte Espetacular*, assim como a cena no capítulo da novela *Em Família*, exibido no dia 20 de março de 2014, estariam, ao que parece, indicando um novo paradigma sobre a representação dos negros e sobre as relações raciais brasileiras a ser adotado pela Rede Globo de Televisão. Ou seja, aparentemente estaria esta rede de televisão passando a admitir que há discriminação e racismo contra os descendentes dos povos escravizados no Brasil porque eles são negros e não porque eles são pobres. Neste sentido, estaria a emissora, por um lado, retificando a sua visão sobre as relações raciais brasileiras e, por outro lado, ratificando as vozes dos movimentos sociais negros, evitadas historicamente por esse meio de comunicação.

Mas pensamos que ainda é muito cedo para se formular tal assertiva, qual seja, a mudança do padrão Globo no que diz respeito às relações raciais brasileiras e à representação dos negros. Pensamos que somente pesquisas amplas e profundas poderiam indicar respostas plausíveis quanto a essa aparente mudança. Mesmo assim essas pesquisas devem ser feitas depois cinco ou dez anos do presente momento, ou seja, após sairmos do “olho do furacão”, uma vez que, primeiro, não há uma série histórica de casos de discriminação racial apresentados, debatidos e denunciados por essa emissora nas novelas das 21 horas nem nos seus programas esportivos.

Não se pode esquecer de que o “Caso Tinga” ocorreu fora do Brasil. Portanto, a acusação de racismo na reportagem da Rede Globo de Televisão não foi contra o racismo da, e na, sociedade brasileira ou as suas relações raciais, que são marcadas por desigualdades, discriminações, racismo e, conseqüentemente, subalternização e inferiorização dos negros. A reportagem foi contra os peruanos que haviam insultado racialmente um brasileiro. Por conseguinte, não foi sem sentido que o apresentador do



programa *Esporte Espetacular*, Alex Escobar, iniciou a reportagem sobre o “Caso Tinga” afirmando de forma veemente que: “Esta semana o **futebol brasileiro levou um choque, com os atos racistas feitos pela torcida do Real Garcilaso, do Peru**, ao jogador Tinga do Cruzeiro. A torcida imitava macacos toda vez que o jogador Tinga tocava na bola. É um comportamento abominável!” (grifo nosso).

Da forma como foi enunciada frase a acima, com espanto, parece que no futebol brasileiro nunca houve discriminações raciais e/ou racismo contra os negros, quer praticados por jogadores, quer pelas torcidas. Fatos recentes contradizem tal “surpresa”. Em menos de um mês após o “Caso Tinga” o nosso racismo veio à tona novamente, com duas denúncias de discriminação racial. A primeira foi do jogador Arouca, do Santos Futebol Clube, contra a torcida do Mogi Mirim Esporte Clube, do município de Mogi Mirim, Estado de São Paulo, que o insultou racialmente no dia 06 de março de 2014, chamando-o de *macaco*, em partida realizada pelo campeonato paulista de futebol.

A segunda denúncia foi contra a torcida do Clube Esportivo Bento Gonçalves, da cidade de Bento Gonçalves, Estado do Rio Grande do Sul, onde o árbitro, Márcio Chagas da Silva, também foi insultado de *macaco*. Após o jogo que apitou, ao se dirigir para o seu carro, segundo ele: “... me deparei com meu veículo com as portas amassadas, bananas por cima, banana no cano de descarga. Sinceramente, eu fiquei muito decepcionado em ser tratado daquela forma, já que vivemos em uma sociedade relativamente educada e evoluída”.³⁴

Há anos discriminações raciais como estas e outras vêm acontecendo nos estádios brasileiros. Mais ainda, existem vários exemplos concretos de fatos criminosos como os citados acima, inclusive ocorridos com o próprio jogador Tinga. Por exemplo, a torcida do Esporte Clube Juventude, da cidade de Caxias do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, já havia tido comportamento idêntico ao da torcida do Real Garcilaso, do Peru, contra esse atleta, em 22 de outubro de 2005 (portanto, antes da torcida peruana), mas a reportagem da Rede Globo de Televisão não condenou de forma tão contundente a

³⁴ Extraído de: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/03/jogador-do-santos-e-alvo-de-ofensas-durante-jogo-do-campeonato-paulista.html>. Acessado em 07 de março de 2014.



torcida gaúcha de Caxias do Sul³⁵, afirmando que o seu comportamento era abominável, como o fez agora com a torcida do Real Garcilaso, em um estádio no Peru.

Segundo, em certo sentido, Tinga, ao responder a algumas perguntas do repórter Regis Rösing, sustenta e/ou legitima consciente ou inconscientemente a tese do mito da democracia racial vigorosamente defendida no livro *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*, do Diretor Executivo de jornalismo da Rede Globo de Televisão, Ali Kamel (2006), qual seja, de que o preconceito e/ou a discriminação social ou de classe é mais forte, maior ou mais pesada no Brasil. É a discriminação de classe que prevalece no “país das chuteiras”. Conforme Tinga: “(...) No nosso país tem muito, não só [discriminação] racial, [mas] social, que eu acho que é até maior né”.

Terceiro, gostaríamos de lembrar que não somente telenovelas, mas programas esportivos da Rede Globo de Televisão já representaram os negros brasileiros de forma estigmatizante. Por exemplo, Neymar Júnior, o maior ídolo do futebol brasileiro da atualidade, também já foi vítima de representação associada a animais e, conseqüentemente, racista, por meio do programa *Globo Esporte*, do dia 23 de fevereiro de 2011³⁶. A então apresentadora desse programa, Cristiane Dias de Oliveira, no final do penúltimo bloco de apresentação do programa faz uma afirmação contundente, com a imagem do jogador Neymar andando de costas para a câmara, mas focada no seu cabelo estilo moicano, com algumas tranças estilo *dreadlock* no final do corte moicano. Ela enuncia com voz imponente: “E daqui a pouco: acharam o culpado; acharam o cara que fez essa **desgraça**³⁷ com o Neymar! Daqui a pouco vocês vão saber quem são os culpados”.

Após o intervalo comercial, a apresentadora Cristiane Dias de Oliveira inicia o último bloco do programa *Globo Esporte*. Ao se referir ao jogador Neymar, com uma reportagem que teve a duração de quatro minutos e quatorze segundos, ela fez a seguinte afirmação: “O repórter Leo Bianchi foi em busca do grande culpado pela

³⁵ Extraído de: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/02/apos-episodio-no-peru-tinga-lamenta-racismo-no-brasil-voce-ve-no-olhar.html#atleta-tinga>. Acessado em 05 de março de 2014.

³⁶ Extraído de: <http://globoetv.globo.com/rede-globo/globo-esporte-sp/v/leo-bianchi-vai-ate-a-vila-belmiro-para-procurar-quem-fez-o-novo-corte-de-cabelo-de-neymar/1442535/>. Acessado em 24 de fevereiro de 2011.

³⁷ A palavra *desgraça* foi enfatizada, estressada, todas as vezes que a apresentadora Cristiane Dias de Oliveira a citou.



desgraça que fizeram no cabelo do Neymar! Tadinho do Neymar!”. O repórter Leo Bianchi inicia a sua matéria sobre o cabelo de Neymar apresentando a seguinte questão, que é também uma afirmação: “Por quê? Por que fizeram isso com o Neymar? Quem fez vai ter que se explicar!”.

Mas ao mesmo tempo em que se fazem estas perguntas e afirmações, mostra-se a imagem do jogador Neymar com foco nos seus *dreadlocks*, e, simultaneamente, a imagem de dois dinossauros e a de um homem negro com cabelo estilo *dreadlock*, buscando comparar todos eles sincronicamente. Mostrando duas fotografias de Neymar, uma em que ele está de costas e que se destacam as tranças do seu cabelo estilo moicano e a outra em que ele está de frente, mostrando o seu rosto, o repórter Leo Bianchi faz a seguinte afirmação:

Sensibilizado com tal atrocidade, o Globo Esporte resolveu descer a serra com destino a Santos para investigar quem foi que cometeu **tal crime** contra a beleza de Neymar. Chegamos a Santos e nossa primeira parada é aqui no centro de treinamento do Santos, CT Rei Pelé, onde nós vamos procurar por evidências (...) O corte [de cabelo de Neymar] gerou pânico entre os populares (...) [Depois] fomos em buscas de pistas no lugar ideal: a delegacia de polícia. Lá o delegado nos atendeu na sala dele e confirmou que este corte [do Neymar] a contragosto é crime! (...) ³⁸.

Na delegacia, o repórter Leo Bianchi começa a entrevistar o delegado: “O Neymar não veio aqui se queixar? Então está tudo tranquilo, né!?! (...) Senhor [delegado], obrigado pela sua ajuda”. Ainda na delegacia, o repórter, mostrando a foto de Neymar para o delegado, pergunta: “o senhor não sabe quem fez isso aqui não, né?”, momento em que o delegado responde, sorrindo: “não”. Ao finalizar a entrevista com delegado, o repórter afirma: “Sem crime, sem suspeito, a gente ia embora, foi quando este cabelereiro [mostrando a imagem de um cabelereiro], que não quis se identificar, nos deu a informação que procurávamos: quem fez isso [mostrando a imagem de Neymar, onde o foco é o seu cabelo]?”.

Esse cabelereiro informou que foi outro cabelereiro, o Cosme, quem fez o corte estilo moicano no jogador. Em seguida o repórter informa que foi outro cabelereiro quem fez as tranças no jogador Neymar, cujo nome é Erivelton. Assim, o repórter Leo Bianchi localiza o cabelereiro Erivelton na cidade de Santos e faz a seguinte afirmação

³⁸ Extraído de: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-esporte-sp/v/leo-bianchi-vai-ate-a-vila-belmiro-para-procurar-quem-fez-o-novo-corte-de-cabelo-de-neymar/1442535/>. Acessado em 24 de fevereiro de 2011.



para ele: “(...) Erivelton? Você, opa irmão! Dá para a gente bater um papinho rapidinho, porque tem uma denúncia contra você (...) Tudo bem?!?!”. Em seguida, mostrando uma fotografia de Neymar ao cabelereiro Erivelton, o repórter Leo Bianchi pergunta: “Foi você quem fez isso com a cabeça do Neymar? Como é que é feito? (...) Como você batiza isso?” O cabelereiro Erivelton afirma que o próprio jogador Neymar chama aquele estilo de cabelo de Moica-trança. O repórter continua fazendo algumas considerações após perguntar ao cabelereiro se o estilo de cabelo adotado por Neymar iria “pegar”, ou seja, se tonar moda. Erivelton afirma que sim, que algumas pessoas já haviam adotado o estilo Neymar de usar cabelo.

Então o repórter afirma que não é para os telespectadores estranharem se encontrarem algum cidadão usando o estilo Moica-trança de Neymar. Imediatamente aparece uma fala, ao que tudo indica editada, do ex-treinador de futebol Zagalo: “(...) é estranho, muito estranho!”. A reportagem do *Globo Esporte* sobre o estilo de cabelo Moica-trança de Neymar continua por mais alguns segundos e imagens do atleta, assim como a de dois dinossauros e um homem negro com cabelo estilo *dreadlock* (ou rastafári), aparecem novamente, como as mostradas no início da reportagem, associando-os, ou seja, animalizando-os, assim como, no subtexto, insinuando que eles são feios e pré-históricos. Para finalizar esta reportagem, a apresentadora do programa *Globo Esporte*, Cristiane Dias de Oliveira, afirma imperativamente: “Erivelton, meu amigo, não faça mais Moica-trança no Neymar! E, Neymar, querido, você precisando de uma consultoria capilar é só falar com a gente aqui do *Globo Esporte* que a gente te ajuda”.

Observa-se que foi uma reportagem que visava a ter um tom de brincadeira, uma comédia. A propósito, para se livrar da acusação de racismo, os acusados no Brasil geralmente se defendem afirmando que “era só uma brincadeira” o ato discriminatório praticado. Mas, independentemente da intenção, a representação nos negros nessa reportagem é estigmatizante e racialmente inferiorizante. Aliás, não se deve esquecer de que uma das características do racismo é justamente retirar a humanidade dos sujeitos discriminados, animalizando-os. Portanto, não foi sem sentido que os jogadores Tinga e Arouca, assim como o árbitro Márcio Chagas da Silva, foram insultados e chamados de *macacos*.



Neymar foi associado a dinossauros, assim como a um homem negro com cabelos transados, estilo de cabelo ou padrão estético tido como feio ou, se se quiser, desgraçado, visto que a apresentadora do programa *Globo Esporte* afirma: “acharam o cara que fez essa desgraça com o Neymar! Daqui a pouco vocês vão saber que são os culpados”. É crime usar cabelos crespos (ou não) trançados? E quem os trança é “criminoso” como afirma, no subtexto, o repórter Leo Bianchi? Se as poucas tranças no cabelo de Neymar, naquela época, eram vistas como “desgraça” em seu cabelo, e, conseqüentemente, no próprio Neymar, o que dizer das várias tranças ou estilo *dreadlock* (ou rastafári) completo do jogador Tinga? Seria o Tinga um “hiperdesgraçado”, já que tem muito mais tranças que Neymar tinha naquela época?

Seria muito proveitoso para reflexões sobre o tema *mídia e racismo* que os produtores e/ou diretores dos programas *Globo Esporte* e *Esporte Espetacular* comparassem as duas portagens citadas. Deve-se destacar aqui que a reportagem sobre o jogador Neymar foi estigmatizante e desvalorizadora dos negros, os “desgraçados” no subtexto, pelo menos os que usam cabelo estilo *dreadlock*. Já com o jogador Tinga, que usa esse estilo de cabelo, a reportagem foi iniciada focando o preconceito e a discriminação racial sofrida por ele e que este jogador até então só falava sobre discriminação racial.

Mas o repórter Régis Rösing faz uma pergunta sobre outros tipos de discriminação que o jogador Tinga havia sofrido, abrindo espaço para o meio-campista do Cruzeiro Esportel Clube legitimar a tese defendida por Ali Kamel (2006). Contudo, não se pode esquecer de que mesmo assim o jogador Tinga afirmou que o racismo acontece toda hora no Brasil contra os negros. Mais ainda, que o repórter supracitado encerrou a sua fala na reportagem afirmando que Tinga é “um brasileiro ferido pelo racismo”, algo difícil de se afirmar explicitamente nos programas da Rede Globo de Televisão, o que seria um fato novo, para não dizer revolucionário. Mas não se pode esquecer de que ele foi ferido pelo racismo dos Peruanos e não dos brasileiros.

Sendo assim, o “Caso Tinga” seria mais um a confirmar a tese de que a discussão sobre o racismo brasileiro, ainda é um grande tabu na sociedade brasileira, especialmente para algumas instituições, como a Rede Globo de Televisão. E mostrar também que os brasileiros não são cegos à cor, como afirma o jogador Tinga na citação acima: “(...) E no olhar você sente: ‘lá vai o negão com uma branca, com uma loira’.



(...). Todo mundo fala da situação que aconteceu lá [no Peru], mas isso aí tem todo dia [no Brasil] cara; no olhar, num simples olhar das pessoas, isso aí tem toda hora. No nosso país tem muito (...)”.

Como já afirmamos em outro texto (Santos e Silva, 2006), ao que parece, somos cegos ao racismo e às suas consequências virulentas. Discriminamos os negros, mas resistimos a reconhecer a discriminação que praticamos, conforme nos demonstra a pesquisa do jornal *Folha de S. Paulo*, segundo a qual 89% dos brasileiros concordam que a sociedade é racista e somente 10% admitem serem, eles mesmos, racistas (TURRA e VENTURI, 1995, p. 13).

Desse modo, podemos inferir, segundo essa pesquisa, que o racismo está no outro bairro³⁹, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro Estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Ou seja, está no Peru, mas não no Brasil, por mais que dados estatísticos e fatos concretos nos indiquem nosso patente racismo, achamos que “*Não somos racistas*”, como afirma Ali Kamel (2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

BAIROS, Luiza. Orfeu e poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. *Afro-Ásia: revista do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA*, Salvador, n. 17, p. 173-186, 1996.

COUCEIRO DE LIMA, Solange Martins. Reflexos do “racismo à brasileira” na mídia. *Revista da USP*. (32): 56-65, Dezembro/Fevereiro. São Paulo, (1996/1997).

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HASENBALG, Carlos A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, CCBB, 1996.

KAMEL, Ali. *Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

³⁹ Ou, numa mesma emissora de televisão, está em outro programa esportivo ou outra novela.



MELLO, Marco Aurélio. *Voto relativo à ADPF nº 186*. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF186MMA.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

MENDES, Gilmar. *Voto relativo à ADPF nº 186, de 20 de julho de 2009*. Enviado, por e-mail, pelo Gabinete do Ministro Gilmar Mendes, 2012.

NUNES, Paulo Rogério. *A representação do negro na televisão*. Disponível online em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=633

REDE GLOBO. *Viver a vida*. Cena em que Helena é esbofetada por Tereza. Disponível online em: <http://www.youtube.com/watch?v=RhkaK8tujA0>

SANTOS, Sales Augusto dos. A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais. *Revista Mosaico*, Curitiba, v. 5, p. 1-25, 2011. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/metamorfose-de-militantes-negros-em-negros-intelectuais>>.

_____. *Movimentos negros, educação e ações afirmativas*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UnB, Brasília, ago., 2007.

_____. Who is black in Brazil?: a timely or a false question in Brazilian race relations in era of affirmative action? *Latin American Perspectives*. California, issue 149, v. 33, n. 4, July, 2006, p. 30-48.

_____. Racismo, Discriminação e Preconceitos. *Salto para o Futuro*, v. 1, p. 26-33, 2004.

SANTOS, Sales Augusto dos; LOPES, Ivonete da Silva. A representação dos negros na Rede Globo e na TV Brasil na semana do “Dia Nacional da Consciência Negra”. *Revista Eco-Pós*, 2010, v. 13, n. 2, p. 85-105.

SANTOS, Sales Augusto dos; SANTOS, João Vitor Moreno; BERTÚLIO, Dora Lúcia. *O processo de aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010*. Brasília: INESC, 2011.

SANTOS, Sales Augusto dos e SILVA, Nelson Olokafá Inocência da. “Brazilian Indifference to Racial Inequality in the Labor Market”. *Latin American Perspectives*. California-EUA. Issue 149, Vol. 33, nº 4, p. 13-29, July 2006.

TURRA, Cleusa; VENTURI, Gustavo. *Racismo cordial*. São Paulo: Ática, 1995.

*Recebido em março de 2014
Aprovado em maio de 2014*